



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007

Interface turismo-lazer: encontros e desencontros¹

Leonardo Lincoln Leite de Lacerda²
Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo

Estamos vivenciando um momento de transformação na sociedade, no qual se percebe a intensa angústia das pessoas perante as suas insatisfações. Nesta realidade tumultuosa, as pessoas sentem falta de experiências novas, de um convívio mais intenso e do retorno para si. O trabalho, por exemplo, exerce grande influência nesse sentido por ser considerado, muitas vezes, um momento de castigo para a maioria das pessoas. Dessa forma, o turismo e o lazer são visualizados como remédios para estes males ou como experiências que dão sentido à vida das pessoas. No entanto, as relações entre ambas as áreas, no meio acadêmico, raramente são estabelecidas. Assim, este texto tem como objetivo analisar algumas ligações comumente estabelecidas entre os campos do turismo e do lazer, tentando ampliar e instigar novas reflexões por parte de seus estudiosos. Para tal objetivo, recorreu-se a uma pesquisa bibliográfica, levantando assuntos pertinentes ao tema, como: turismo, lazer e campo de estudo. Diante de tudo isto, percebe-se que mais discussões nesse âmbito urgem ser realizadas e que os estudiosos de ambos os campos necessitam de trocar mais informações.

Palavras-chave: turismo; lazer; campos de conhecimento.

Introdução

O chamado período Contemporâneo tem se mostrado, dentre várias características, como um momento conturbado na vida dos indivíduos. Nos noticiários de diversos meios midiáticos se sobressaem as informações sobre corrupção e violência, sendo também cada vez mais crescente o número de crimes bárbaros e chocantes. Outrossim, diante de uma sociedade com inúmeras e profundas mazelas sociais que aparentam não ter solução é de se esperar alguma reação por parte da sociedade civil, principalmente daquela que não têm seus direitos atendidos. Será que tais ações se tratam apenas de uma reação inconsciente e inconseqüente

¹ . Trabalho apresentado ao GT – Interfaces com o Lazer e Entretenimento do IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo.

² Discente do curso de Mestrado em Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais e bolsista da CAPES. Ex-tutor do Programa Continuada em Lazer, parceria UFMG e SESI que desenvolveu um curso de especialização em lazer para os trabalhadores da última instituição. Docente do Instituto Belo Horizonte de Ensino Superior. Especialista em Lazer também pela UFMG. Graduado em Turismo pelo Centro Universitário Newton Paiva de Belo Horizonte. E-mail: leollacerda@yahoo.com.br



ou de uma transgressão/resistência ao que está imposto? Seja como for, parece haver um sentimento descontente por boa parte da civilização quanto à situação atual.

A percepção de uma vida tumultuada ganha maiores proporções por nos situarmos em uma sociedade da azáfama, do grande fluxo de informação, da inovação tecnológica, ambiente no qual cada vez mais nos sentimos pressionados por resultados mais rápidos e com mais qualidade. Isso nos deixa com a sensação de intensa responsabilidade, deixando-nos sempre preocupados e ao acharmos que estamos nos esquecendo de algo importante a ser feito.

O modelo capitalista, que ocupa posição central nas relações existentes no mundo, prima pela produtividade, objetivando a obtenção incessante do lucro. Neste sistema, certas máximas são utilizadas com frequência para instigar os sujeitos a seguir tal linha de pensamento, como: “tempo é dinheiro” e “dinheiro é poder”. Marcellino se expressa da seguinte maneira frente a este fato:

“Só é dada importância ao que é produtivo, gerador de ‘bens de consumo’ ou mercadorias, e não se questiona em que medida essa ‘produtividade’ – valor supremo – anula a expressão do ser humano. E as pessoas acabam sendo consideradas como meros instrumentos, produzindo ou consumindo, ou seja, alimentando o mercado de produção. Os valores são, portanto, imediatistas e utilitaristas” (1995, p.12).

Neste sentido, o trabalho, tido ainda como eixo norteador da vida da sociedade, exerce e sofre influências deste tipo de sistema. A realidade para várias pessoas é a de trabalhar mais para sobreviver do que realmente para viver. Assim o labor é realizado de forma estafante, pois sabemos que existe um enorme contingente de pessoas fora do mercado de trabalho disposto a conseguir nossas “vagas” exigindo menos para isso.

Outro fato triste que ainda remete à esfera do trabalho é o fato de que muitos o realizam sem se reconhecer nele. Poucos e felizardos são aqueles que desempenham um papel que escolheram e que gostam de desenvolvê-lo. Assim, observa-se, para muitos, que trabalho e castigo tem significados parecidos.

E como “salvação” à faina sobrecarregada depositamos nossa esperança no lazer e no turismo. Aqui podemos analisar estas áreas sob dois pontos de vista. Um que os coloca como válvulas de escape para os problemas cotidianos da vida das pessoas, alimentando o *status quo* por priorizar o conformismo. E outro que os coloca como assentadas na liberdade de escolha, onde as pessoas reconhecem o que estão fazendo, dando a sensação de retomada do sentido da vida, sendo que um necessariamente não anula o outro.



Essas são umas das várias relações possíveis de se fazer entre ambas as áreas, mas em uma sociedade marcada pelo viés econômico, observamos o turismo e o lazer como excelentes oportunidades de mercado. Neste contexto, vemos a complexidade de tais setores, sendo difícil demarcar seus limites.

O turismo costuma ser analisado por certos órgãos como sendo composto por mais de 50 setores, dentre eles o de alimentos, o de hospedagem, o de agências de viagem, o de lazer, entre outros. Já o lazer, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, que desenvolve uma Pesquisa Anual de Serviços (2004), coloca os serviços de lazer na categoria “*atividades recreativas e culturais*”, na qual se insere a produção e exibição de filmes, atividades de rádio e televisão, teatro e música, espaços como clubes, casa de cultura, *disc jockeys*, danceterias, circos, boates, salões, entre outros.

Percebemos que quando citamos uma dessas áreas geralmente subentendemos relações com a outra, ligações as quais não se mostram tão claras. No meio acadêmico parece haver certo receio de lidar com estas proximidades. Baseado nesses pensamentos cabe indagarmos: como se estabelecem as relações entre o turismo e o lazer? Em qual situação elas se encontram?

Como reflexão inicial, o presente texto se propõe analisar algumas relações comumente postas entre os campos do turismo e do lazer. Também é objetivo aqui ampliar e instigar novos pensamentos por parte dos estudiosos de ambos os campos. Para a concretização deste documento se recorreu a uma pesquisa bibliográfica, abordando assuntos pertinentes ao tema, especificamente os campos do turismo e do lazer. O resultado da pesquisa é o que segue abaixo, iniciando-se por alguns pontos que são comumente levantados em ambas as áreas.

Os campos de saber do turismo e do lazer

Antes de adentrar nestes campos do saber vale lembrar que em uma sociedade caracteristicamente capitalista, o lazer e o turismo são vistos *a priori* como oportunidades de mercado, ocupando lugares importantes na contribuição da arrecadação de renda de vários países.

No caso do turismo, a criação de cursos teve como um dos motivos a formação de mão de obra para um mercado emergente e crescente. Serejo (2003) relembra que o crescimento no Brasil de instituições particulares de ensino superior de turismo ocorreu na década de 1970.



Para se ter uma idéia, os estudos de Bernardino e de Isayama (2006), que fizeram uma pesquisa sobre os currículos dos cursos de graduação de turismo em Minas Gerais, apontam que já no ano de 2004 havia um número exorbitante de cursos de turismo no país.

Interessante perceber que também na década de 1970, os estudos sistemáticos sobre o lazer começaram a acontecer no Brasil, como descrevem Bernardino e Isayama.

“Apesar de a discussão sistematizada sobre o lazer ter sido introduzida em nosso país aproximadamente na década de 70, nos meios acadêmicos isso se deu somente no decorrer das décadas seguintes, quando este objeto, bem como suas implicações no contexto social, cultural, político e econômico, passou a ser difundido em currículos de cursos de formação profissional (Educação Física, Turismo, Pedagogia, Administração etc) de muitas universidades brasileiras” (2006, p. 9).

Marcamos aqui mais um ponto peculiar a ambos os campos, a da origem dos mesmos. Entretanto, diante desse fato se torna importante perguntarmos: por que existe tanto curso de turismo e tão raros são os de lazer? Esta questão será abordada na próxima parte do texto para melhor exposição das reflexões. No momento, seguiremos com a discussão das semelhanças entre o lazer e o turismo.

Pois bem, além de se apresentarem como grandes oportunidades de mercado e de serem consideradas novas áreas teóricas, ambas se apresentam como multidisciplinares. Para se ter uma base sobre o que entendemos por multidisciplinaridade, recorreremos a Beirão (2001, p.30), que diz se tratar de “uma abordagem múltipla, feita sob o enfoque de diferentes disciplinas, mas preservando o enfoque disciplinar de cada uma delas. Seria uma somatória de diferentes visões de um mesmo problema”. Assim, o lazer e o turismo necessitam do auxílio de outros campos do saber para poderem se concretizar.

Pensando desta forma, o turismo também necessita da visão do lazer e vice-versa, fato que vem acontecendo com mais frequência em encontros acadêmicos, sendo mais recorrente em artigos e revistas especializadas em tais assuntos. Contudo, ainda assim, as ligações entre tais áreas ainda não se mostram bem categóricas.

Retornamos à pesquisa de Bernardino e Ysayama sobre as disciplinas ligadas ao lazer nos cursos de graduação em turismo de Minas Gerais, pois a mesma reforça a inconsistência das pontes entre turismo e lazer, como é possível visualizar logo abaixo:

“A relação lazer e turismo não se apresenta de forma clara e objetiva dentro das disciplinas analisadas. Alguns programas tentam expressar em suas ementas e objetivos essa relação, mas não especifica na bibliografia utilizada nenhuma obra que possa contribuir com essa discussão, ou quando utiliza pensa no turismo como um conteúdo ou interesse do lazer. Isso pode ser explicado, em partes, pela escassez de



estudos que estabelecem uma relação consistente do lazer em interface com o turismo” (2006, p. 19).

Pela fala acima observamos como o lazer costuma observar o turismo: este dentro dos conteúdos culturais do primeiro. Os conteúdos culturais do lazer se trata de uma classificação elaborada por Dumazedier (1973), sendo que o conteúdo turístico só foi nele acrescentado por Camargo (1992) – aluno de Dumazedier – posteriormente. Ainda hoje, essa complementação é contestada por muitos estudiosos do lazer, mas é fortemente utilizada por aqueles do campo do lazer que se empenham em estudar mais a fundo a experiência turística.

Por sua vez, o campo do turismo, muito influenciado pelas teorias da administração e mais especificamente pelas do marketing, tende a analisar o lazer como um segmento de mercado, como um tipo específico de motivação. Dessa forma, dentre os vários segmentos existentes, dentre eles o de saúde, o pedagógico, o de negócios, o religioso, encontramos o de lazer.

Dentro destas colocações se estabelece certa tensão entre os campos do turismo e do lazer, visto que cada um tenta se mostrar mais importante que o outro. E esquentando ainda mais esse conflito, Serejo relata que o lazer ganhou sua identidade no curso pioneiro de turismo de Minas Gerais por haver “uma ligação direta entre ambos, pois o lazer era considerado como um fenômeno maior, no qual o turismo estaria dentro dessa esfera da vida” (2003, p. 51). E esta confusão pode colaborar com as barreiras para o estabelecimento de uma interface mais forte entre ambas as áreas do conhecimento.

No entanto, torna-se importante deixar claro que tal “crise” não é percebida por todos os estudiosos, e muitas vezes nem vista como um ponto relevante de discussão. Mesmo assim, cabe trazer certos elementos para uma reflexão mais aprofundada, até para saber se convém continuar ou não com este debate. Ou, pelo menos, que sirva para chamar a atenção para esta relação.

Uma análise inicial sobre a relação lazer-turismo

Seguindo a linha de pensamento exposta por Serejo (2003), diversos autores confirmam e consideram que o turismo é um componente do lazer. Para ilustrar melhor tais pensamentos traremos algumas destas falas.

Pimentel (2003) diz que o turismo, assim como o esporte e a arte, é uma faceta do lazer. Rosa (1999) entende o turismo como uma das diversas formas de lazer. Pereira, logo no



início de seu texto, compreende “o lazer como dimensão importante das relações humanas e o turismo como uma de suas motivações...” (2000, p. 11). Por sua vez, Franzini (2003) propõe o turismo como uma manifestação do lazer contemporâneo.

Tais colocações indicam que esta é uma postura muito recorrente no campo de estudo, mas é importante também frisar que muitos dos autores citados aqui têm mais uma construção de pensamento voltado para a Educação Física, fato que pode influenciar seus pontos de vista.

Contrariando tais percepções, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), fala que “o setor de turismo compreende uma ampla gama de atividades, relacionadas com viagens realizadas por motivos muito diversificados, como lazer, educação, negócios e tratamento de saúde” (2007, p. 8).

Existe ainda uma terceira visão que tende a estudar ambas as áreas separadas para que não se estabeleçam erros ou complicações. Esta é a postura de Proni (2004) que analisa o turismo e o lazer pelo viés econômico, mais especificamente através dos serviços. Esta visão se mostra limitada, pois mesmo com um olhar estritamente econômico é inegável a relação existente entre ambas as áreas. Até mesmo na fala do autor sobre o turismo, baseada na Organização Mundial do Turismo (OMT) e reproduzida pelo Instituto Brasileiro de Turismo (Embratur), vemos que o lazer está sendo abordado nos segmentos de diversão. Assim, sob uma análise dos serviços, é de se esperar que haja uma contribuição numérica – mesmo que parcial – dos serviços turísticos para os serviços de lazer e que o contrário também ocorra.

A própria OMT, em sua definição sobre turismo³, estabelece uma relação com o lazer, mesmo colocando este como uma das intenções daquele.

Torna-se importante, em meio a este debate, trazer a percepção completa de Pimentel (2003) sobre a relação turismo e lazer. Apesar de este autor considerar que o turismo é uma parte do lazer, ele diz que isso “não significa a redução do turismo ao campo do lazer. Existem segmentos turísticos nos quais o lazer é secundário, prevalecendo motivações ligadas aos negócios, à família, à religião ou à saúde” (2003, p. 96). O turismo, nesse sentido, não estaria “preso” ao lazer.

Façamos o exercício de entendermos o turismo como a busca/contato com o novo, com a idéia de que uma de suas funções primordiais é a de conhecer novos espaços/culturas e de proporcionar experiências fora do comum. Dessa forma, poderemos dizer que a busca de

³ “O turismo compreende as atividades que realizam as pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes do seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras” (Sancho, 2001, p. 38).



conhecimento (cursos, seminários, etc) em um novo espaço, o tratamento da saúde em SPA's ou e um balneário e até mesmo o trabalho exercido fora do entorno habitual poderiam ser considerados turismo. Aí, se tomarmos o conceito de Dumazedier⁴ (1973) como base para entendermos o lazer, veremos que existiria uma ruptura entre turismo e lazer, pois o último não se configuraria dentro do trabalho.

Para não limitarmos nossa reflexão, traremos um conceito mais atual para fazermos esta discussão. Gomes, assim, entende o lazer como:

“uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo” (2004, p. 124).

Este conceito traz vários avanços em relação ao outro utilizado, mas para nossa discussão abordaremos apenas um ponto: o que trata da relação com o trabalho produtivo. A autora não fala que para se ter lazer é necessário se livrar do trabalho, mas sim que o primeiro objeto está intrinsecamente ligado ao último. Agora, ela também não diz que o lazer existiria no trabalho, confirmando a possível separação do turismo e com o lazer.

Acontece que em vários dos exemplos listados aqui para se configurar o turismo como uma experiência alheia ao lazer, ressalvas precisam ser feitas. Nesse sentido, Franzini começa esta advertência dizendo que :

“Mesmo que a viagem não tenha como motivo principal o lazer, como participação em congressos, seminários ou eventos relacionados à empresa em que trabalha, o indivíduo que se desloca tem a oportunidade de conhecer outros lugares, outras pessoas, de estabelecer contato com outras culturas...” (2003, p. 269).

Complementando a fala da autora, mesmo ao realizarmos um trabalho em uma cidade distante, ou ao procurarmos um repouso e a recuperação da saúde em um balneário, ou ao participarmos de eventos acadêmicos, o lazer está presente, mesmo que como um objetivo secundário. Quando se tenta tratar de negócios em outro lugar, costuma-se planejar também uma vivência de lazer. Quando se está em um SPA realizando um tratamento, tendemos a procurar um lugar que tenha relação com nossos gostos pessoais, abrangendo vivências relativas ao lazer.

⁴ “... um conjunto de ocupações às quais o individuo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais” (Dumazedier, 1973, p. 34).



Como resumo a estas idéias, podemos observar que o turismo não se constitui unicamente do lazer. Porém, este, seja de forma primária ou secundária, constitui-se como um traço muito marcante para o universo turístico.

Abrindo um parêntese para tal colocação, torna-se imperativo dizer que expor o lazer como uma parte essencial do turismo não significa constatar que esta é mais importante, mas sim que uma é apenas mais complexa que a outra. Dessa forma, ao invés de pensarmos em acirrar os conflitos existentes nesta relação ao tentar elevar um campo acima do outro, seria mais produtivo e mais sensato buscarmos a riqueza de se trabalhar em conjunto, pois uma área complementa a outra.

Assim, o campo do lazer poderia ajudar o campo do turismo a ter uma visão mais social e política nas suas análises, enquanto este último poderia auxiliar o primeiro a começar a ver a relevância dos estudos econômicos, igualmente importante – mais não o mais importante – para a sua constituição. Seguindo a linha de pensamento no qual o lazer estaria mais associado ao ócio e o turismo ao negócio, fica um pouco mais fácil perceber o motivo que levou a inúmeras instituições de ensino particulares a abrir cursos de graduação em turismo. Tal área, ao estar frequentemente ligada às influências econômicas, ficou mais a mercê das exigências do mercado, gerando uma demanda por profissionais da área. Contudo, pode haver pessoas que observem que a enorme quantidade de cursos dessa natureza aconteça pela maior facilidade de se estabelecer uma grade curricular para o turismo, fato que reforçaria a maior complexidade do lazer. Por esse motivo, o lazer estaria mais condicionado a disciplinas de diferentes cursos. Obviamente, como ainda são escassos os dados para se trabalhar nessa vertente, mais reflexões precisam ser feitas.

Seja como for, é interessante notar que a influência da Administração sobre o Turismo, bem como a influência da Educação Física sobre o Lazer, acabou se reproduzindo nos nossos direitos como cidadãos. Tendo como base a Constituição Federal de 1988, observamos que o turismo aparece uma única vez e logo no Título VII (Da Ordem Econômica e Financeira), no Capítulo I (Dos Princípios Gerais da Atividade Econômica), no Artigo 180 da seguinte forma: “A União, os Estados, o Distrito federal e os Municípios promoverão e incentivarão o turismo como fator de desenvolvimento social e econômico” (1988 p. 123). Apesar de aparecer a palavra social, vemos com nitidez que o lado econômico é o que recebe maior ênfase.



Já o lazer aparece na mesma Constituição em três partes. Uma no Título II (Dos Direitos e Garantias Fundamentais), Capítulo II (Dos Direitos Sociais), Artigo 6º: “São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição” (p. 12). E outras duas vezes no Título VIII (Da Ordem Social). Uma no Capítulo III (Da Educação, da Cultura e do Desporto), na Seção III (Do Desporto), no Artigo 217, no parágrafo 3º do item IV: “O Poder Público incentivará o lazer, como forma de promoção social” (p. 143). E outra no Capítulo VII (Da Família, da Criança, do Adolescente e do Idoso), no Artigo 227: “É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer...” (p. 148).

Por fim, cabe cada vez mais nos indagarmos sobre a real natureza de ambas as áreas, procurando esmiuçar cada vez mais os tipos e como são feitas as relações entre o turismo e o lazer. Percorrer tal caminho se mostra necessário tanto para que consigamos superar certezas e preconceitos ou confirmar pontos de vistas, tanto para criar novas percepções.

Considerações Finais

Ao longo de todo o texto colocamos em pauta as relações existentes entre o turismo e o lazer, não apenas como um produto a ser comercializado, mas também e mais caracteristicamente como pertencentes a campos de estudos em ebulição.

O fato de ambas as áreas serem novas e multidisciplinares não indica que o lazer e o turismo tenham ligações fáceis de serem identificadas. Cada campo tem sua história de formação, observando a outra de forma peculiar, apesar de se saber que se trata de áreas irmãs.

Tensões e conflitos são desencadeados nestas inter-relações, mas também há certa aceitação de que existe uma proximidade, uma certa cumplicidade.

O fito de analisar algumas ligações comumente estabelecidas entre os campos do turismo e do lazer foi realizado ao longo do texto, cabendo ao leitor decidir se o tema foi instigante e inquietador a ponto de que mais estudiosos se debruçam nessa empreitada.

Baseado em tudo o que foi exposto, este documento chega ao final considerando que é necessário um maior número de discussões a respeito da interface turismo-lazer e que os



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007

sujeitos construtores de ambos os campos precisam trocar mais informações. Pois, de uma maneira ou outra, o lazer é uma parte significativa do turismo.

Referências

BEIRÃO, Paulo Sérgio Lacerda. A Questão da Transdisciplinaridade no Cenário Mundial e as Implicações para o Lazer e a Educação. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 13, 2001, Natal/RN. Anais... Natal/RN: CEFET/RN, 2001. p. 27-34.

BERNARDINO, Cristina R; YSAYAMA, Hélder F. Lazer e Turismo: Análise de Currículos de Cursos de Graduação em Turismo de Minas Gerais. *Licere*. Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 8-23, 2006.

BRASIL. Constituição: República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

CAMARGO, L. O. de L. *O que é lazer*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

FRANZINI, Raquel X. G. Lazer Turístico: Viagem de Férias de Agentes de Viagem de Operadoras de Turismo e suas Expectativas. In: SEMINÁRIO “O LAZER EM DEBATE”, 4, Belo Horizonte. Coletânea... Belo Horizonte: Imprensa Universitária/CELAR/DEF/UFMG, 2003, p. 264-274.

GOMES, Christianne L. Lazer – Concepções. In: GOMES, Christianne L. (Org.). Dicionário crítico do lazer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 133-141.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e Humanização*. 2. ed.. Campinas: Papyrus, 1995.

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). PESQUISA ANUAL DE SERVIÇOS. V. 6, 2004. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/comercioservico/pas/pas2004/pas2004.pdf>. Acesso em 12 de abril de 2007.

PEREIRA, Cássio A. S. Turismo e lazer: tendências para o terceiro milênio. *Licere*. Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 11-20, 2000.



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007

PIMENTEL, Giuliano. Inter-relações entre arte, esporte e turismo. In: PIMENTEL, Giuliano. Lazer: fundamentos, estratégias e atuação profissional. Jundiaí, SP: Fontoura, 2003.

PRONI, Marcelo W. Serviços de lazer. In: GOMES, Christianne L. (Org.). Dicionário crítico do lazer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 207-211.

SANCHO, Amparo. *Introdução ao turismo*. São Paulo: Roca, 2001.

SEREJO, Hilton F. B. O lazer e a formação profissional em turismo no nível superior: reflexões no âmbito da instituição pioneira em Minas Gerais (1974-1985). *Licere*. Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 43-60, 2003.